

A CONTRIBUIÇÃO DO ESTAGIÁRIO NO DESENVOLVIMENTO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) EM SALA DE AULA

Alicia Karenn de Souza Oliveira ¹

Alan Bizerra Martins ²

Silvana de Souza Lourinho ³

RESUMO

Atualmente o transtorno do espectro autista tem sido tema de vários debates sobre a importância da educação especial e sobre a inclusão de pessoas com autismo por ser um tema que vem crescendo muito com o surgimento de novos casos no âmbito educacional. o trabalho tem como objetivo de analisar a contribuição do estagiário no desenvolvimento do aluno com e transtorno do espectro autista TEA em sala de aula, através da experiência do estágio oferecido entre CIEE e da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. A pesquisa é qualitativa de cunho exploratória e foi realizada na escola E.M.E.F Luzia Nunes Fernandes que está localizada no núcleo Nova Marabá, Marabá/PA. A fundamentação teórica da pesquisa se deu em autores como, RIVIÉRE (2004), SILVA e MULICK, (2009), GLAT e PLETSCHE (2011). Percebe-se que com a mediação do estagiário ocorrem bons resultados na inclusão dos autistas e criar processos de intervenção pedagógicas que possibilita a interação, que podem oferecer situações significativas que potencializem a conquista de habilidades cognitivas e sociais e acrescente autonomia a criança no contexto escolar.

Palavras-chave: Autismo, Educação Inclusiva, Intervenção Pedagógica.

INTRODUÇÃO

Atualmente no ambiente educacional com o elevado número de pessoas com deficiência nas salas de aula, assim surge a necessidade de um profissional de apoio para essas pessoas e ainda mais para as crianças com TEA que necessitam de uma atenção diferenciada, o termo Autismo surgiu em 1908 por Eugen Bleuler para nomear pacientes que sofriam de esquizofrênicos severamente retraídos, o termo contemporaneamente possui origem grega que quer dizer "autós" ou "de si mesmo, foi empregado dentro da psiquiatria, para denominar comportamentos humanos que centralizam-se em si mesmo, ou seja, voltados para o próprio indivíduo." (ORRU, 2012, p. 17).

¹Graduanda do Curso Pedagogia da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - PA, aliciakarenn123@email.com;

² Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - PA, alanmartinsgeo14@email.com;

³ Prof^a. Me. Orientadora, adjunta da Faculdade Ciências da Educação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - PA, silvanalourinho@unifesspal.edu;

Devido a lutas incansáveis de pais e familiares das pessoas com TEA surge leis e políticas públicas pelo direito da pessoa com deficiência a educação escolar e recentemente a Lei nº 12.764/2012 - Lei Berenice Piana, estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, prevendo o acesso a um sistema educacional inclusivo em todos os níveis de ensino e atendimento por profissionais capacitados a desenvolver atividades com vistas à inclusão. De acordo com essa lei o aluno com autismo tem garantido o seu direito de estar na escola e na sala de aula e em ter atendimento por profissionais preparados como demonstra essa lei, e um desses profissionais em alguns casos são estagiários.

Atualmente o transtorno do espectro autista tem sido tema de vários debates sobre a importância da educação especial e sobre a inclusão de pessoas com autismo por ser um tema que vem crescendo muito com o surgimento de novos casos no âmbito educacional. Segundo Rivière (2004), os primeiros estudos sobre o autismo foram feitos por Kanner no ano de 1943 e continua vigente até hoje com seus três núcleos de transtorno: 1) qualitativo da relação 2) alterações da comunicação e da linguagem; e 3) falta de flexibilidade mental e comportamental, o que leva o autista a necessitar um meio que seja favorável ao seu desenvolvimento e um mediador que o auxilie. O autismo segundo a autora Silva (2009) vem a ser:

Um transtorno do neurodesenvolvimento, causando o comprometimento de funções como habilidades sociais, habilidades comunicativas, presença de comportamentos repetitivos e perda de interesse pelo seu meio. Demonstrem dificuldades em se relacionar logo nos primeiros anos de vida. (SILVA, 2009, p. 18).

As condições do transtorno neurodesenvolvimento se manifesta muito cedo entre 2 a 3 anos antes mesmo da criança com TEA a adentrar na escola, e dentre das características do Transtorno do Neurodesenvolvimento estão os déficits, que levam consequências no funcionamento pessoal, social e acadêmico das crianças e jovens com a síndrome. Os quais variam desde limitações muito específicas na aprendizagem ou no controle de funções executivas e prejuízos globais em habilidades sociais ou inteligência. Porém, esses déficits não devem ser um fator determinante para a criança devido a suas potencialidades que são bastante elevada, e de acordo com o Manual para as Escolas (2011), algumas pessoas com TEA podem também apresentar habilidades singular que permitem em muitos casos superar áreas que eles possuem alguns déficits, por exemplo: forte destreza visual, facilidade de entender e reter alguns conceitos, regras, e sequências; excelente memória para detalhes ou fatos mecânicos; memória de longo prazo; capacidade em informática, habilidades tecnológicas; intensa

concentração ou focalização especialmente em áreas de atividade preferidas; habilidades artísticas, matemáticas e a honestidade.

De acordo com Riviére (2004, p. 242) descreve que as crianças que sofrem com autismo assinalam o DSM-IV- “podem manifestar uma ampla gama de sintomas comportamentais, na qual se incluem hiperatividade, âmbitos a tencionais muito breves, impulsividade, agressividade, e particularmente nas crianças, acessos de raivas”. Sendo assim o estagiário vem para contribuir para que a criança com autismo consiga se desenvolver bem no âmbito educacional auxiliando no processo de aprendizagem em sala de aula, na facilitação de relações sócio afetivas e no déficit na aquisição da linguagem.

Segundo a pesquisadora Orrú (2012, p. 88) “é por meio da linguagem que são constituídas as complexas formas de pensamento abstrato e generalizado que são aquisições muito importantes da história da humanidade, garantindo a passagem do sensorial para o racional”, o que auxilia o aluno com TEA no seu crescimento e desenvolvimento no meio escolar, sendo assim, o estagiário ajuda a criança a melhorar suas linguagens na interação social e afetivas e a progredir no âmbito educacional.

Levando isso em consideração o presente trabalho tem como objetivo de analisar a contribuição do estagiário no desenvolvimento do aluno com e transtorno do espectro autista TEA em sala de aula, através da experiência do estágio oferecido entre CIEE e da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.

METODOLOGIA

Na tentativa de alcançar o objetivo elaborado de analisar a contribuição do estagiário no desenvolvimento do aluno com transtorno do aspecto autista TEA em sala de aula. A pesquisa é qualitativa de cunho exploratória e foi realizada na escola E.M.E.F Luzia Nunes Fernandes que está localizada no núcleo Nova Marabá, Marabá/PA. A escola oferta Educação Básica: Educação Infantil, Ensino Fundamental de 1º ao 5º anos e Educação de Jovens e Adultos da 1ª a 4ª etapas. Os períodos são Matutinos, Vespertino e Noturno. Sendo que, o estudo foi constituído a partir das seguintes etapas:

- Foi entrevistado com professoras do 3º e 5º ano da sala regular a respeito da contribuição do estagiário no desenvolvimento da criança com transtorno do aspecto autismo na interação com os demais alunos como era o desenvolvimento da criança sem a ajuda do estagiário.
- Analisamos as informações respondidas pelas professoras da sala regular.

- Sistematização das informações obtidas a partir da entrevista.

DESENVOLVIMENTO

A sala de aula e um dos espaços de maior interação entre o estagiário e o aluno quanto a comunidade escolar, é muito importante ter um diálogo entre ambos para que o aluno se desenvolva bem e consiga compreender os conteúdos trabalhados, sendo assim:

“logo é necessário ter tranquilidade no trato com os alunos que por meio de um processo interativo, o professor e aluno necessitam transformar a sala de aula em um ambiente de prazer, de crescimento e realizações de ambas partes”. (Scalabrin e Molinari, 2013, p. 7).

Esse ambiente tende a ser um lugar onde tanto o estagiário quanto o autista se transformem, a partir da perspectiva da abordagem histórico-cultural de Lev S. Vygotsky o estagiário e o professor da sala regular, se tornam um mediador do processo de aprendizagem da criança com TEA, o aluno será dirigido pelo estagiário e incentivado, mas o próprio aluno estará à frente do sem desenvolvimento, dessa forma, ainda é de suma importância que o aluno tenha um estagiário para mediar esse processo e segundo autora Orrú:

[...] A abordagem histórico-cultural, o aluno é sujeito ativo de seu processo de formação e desenvolvimento intelectual, social e afetivo. O professor cumpre o papel de mediador desse processo [...]. Nesse processo de mediação, o saber do aluno, enquanto sujeito ativo é muito importante na formação de seu conhecimento. O ensino é compreendido como uma intervenção repleta de intencionalidade, inferindo nos processos intelectuais, sociais e afetivos do aluno, visando à construção do conhecimento (ORRÚ, 2010, p. 09).

Segundo Bezerra (2011) na Revista Brasileira de Educação Especial: O livro *Inclusão Escolar de Alunos com Necessidades Especiais* é resultado do a primoroso encontro teórico-metodológico e institucional de duas pesquisadoras com reconhecido prestígio acadêmico no cenário da Educação Especial brasileira, em cinco capítulos elas descrevem as suas teorias. As autoras Pletsch e Glat, revelam um lúcido posicionamento quanto à inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais em turmas regulares. Elas descrever em seu livro a grande importância do estagiário mediador:

O mediador ou facilitador de aprendizagem, por sua vez, é um elemento (pode ser um estagiário) de apoio ao professor da turma comum em que haja algum aluno especial incluído que necessite de atendimento mais individualizado. Sua principal função é dar suporte pedagógico às atividades do cotidiano escolar – sem, com isso, substituir o papel do professor regente. O mediador acompanha o dia a dia do aluno, realizando, em concordância com a equipe escolar, as adaptações necessárias para o desenvolvimento de sua aprendizagem[...]. (PLETSCH; GLAT, 2011, p. 24).

Segundo as autoras, o estagiário tende a ser uma pessoa em que o aluno com o transtorno confia e passa a acompanhar no dia a dia escolar, realizando as adaptações dos materiais que ele necessita, feita com uma equipe multidisciplinar e dando suporte pedagógico a esse aluno e ajudando no seu desenvolvimento e na inclusão em sala de aula.

A Orrú (2012) descreve sobre o indivíduo autista “é exclusivo enquanto pessoa, apresenta características que lhes são próprias da síndrome, suas manifestações comportamentais diferenciam-se segundo o seu histórico-social, afetando diferentemente a linguagem”. Dessa forma, o estagiário ajuda a criança a melhorar a suas linguagens, quando o leva a enfrentar novos desafios e o coloca em atividades que o levam a se comunicar no meio educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A professora Julia do 5ºano que tem na sua sala 32 alunos e dentre eles, três alunos com deficiências, um com TEA e dois com deficiência intelectual no turno da tarde e, foi perguntado a ela qual a contribuição do estagiário no desenvolvimento da criança com TEA.

Quadro 01: Professora do 5ºano

Qual a contribuição do estagiário no desenvolvimento da criança com TEA na interação com o outro em sala de aula?
O estagiário vem para ajudar o aluno com TEA incentivando [...]. Serve como intermediador [...]. O estagiário possui uma grande importância no desenvolvimento da criança na interação com o outro por respeitar a criança e seu tempo e o ajuda a se desenvolver melhor dando a atenção necessária.
[...] Ele é observador e acompanha o aluno a interagir com as outras crianças no contexto escolar tornando possível a inclusão da criança com TEA.
Como era o desenvolvimento da criança sem a ajuda do estagiário?
[...] por mais que eu tente passar o conteúdo sem o estagiário não anda, fica difícil a inclusão dessa criança.

Sem o estagiário fica difícil de conseguir desenvolver atividade com essa criança, pois ela necessita de um acompanhamento diferenciado e com a continuidade de alunos na sala fica quase impossível de se fazer esse acompanhamento.

Fonte: autoria própria, 2019.

Quadro 02: Professora do 3º ano

Qual a contribuição do estagiário no desenvolvimento da criança com TEA na interação com o outro em sala de aula?

Ajuda conversando com a criança, elogiando, facilitando as atividades, ajuda a criança a caminhar e avançar na fala utilizando músicas e na interação com os outros, o trabalho entre professor /aluno e estagiário funciona bem.

O estagiário faz a criança com TEA cantar as músicas e as outras crianças também ficam interessados com as músicas e querem cantar com eles, nessas músicas trabalhamos sílabas com eles.

Como era o desenvolvimento da criança sem a ajuda do estagiário?

Sem o estagiário **dependendo do grau** do aluno com TEA não dava muito trabalho produzia, lia, fazia as atividades um destes alunos. Enquanto o outro era hiperativo e impaciente e gritava na sala[...] Mas procuro coisas que as crianças gostam para desenvolver os seus potenciais, atividades variadas que ajudam no desenvolvimento motor delas, contação de histórias, pois quando a criança gosta, ela faz a atividade.

Fonte: autoria própria, 2019.

Ao analisamos a fala das duas professoras na entrevista podemos observar que ambas descrevem a grande importância que o estagiário tem no cotidiano escolar dos alunos com TEA em sala de aula na interação com os demais alunos para seu desenvolvimento, assim como descreve a professora Julia no quadro 01, onde o estagiário ajuda no processo de inclusão desses alunos com TEA no ambiente escolar, quando ele incentiva o aluno a brincar e trocar alguns diálogos com os colegas.

Outro dado importante foi abordado pelas professoras que apontam, é que sem o estagiário fica difícil realizar algumas das atividades escolares em que ele auxilia os alunos nesse processo dando a atenção necessária e respeitando o tempo da criança com TEA, e transformando as dificuldades em excelentes resultados para os alunos, na comunicação e na linguagem.

Dessa maneira, podemos perceber também que sem o estagiário como disse a professora Julia que sem ele fica difícil de desenvolver atividades com essa criança, pois ela necessita de um acompanhamento diferenciado, o qual devido a quantidade de alunos presentes em sala de aula não consegue oferecer à essa criança devido aos outros alunos na sala, assim o estagiário tem um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem desses alunos com (TEA).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa pesquisa podemos destacar que os estagiários desenvolvem um trabalho com muita dedicação e empenho, e essas atividades de mediar e auxiliar os alunos com TEA no seu progresso em sala de aula nas relações socio afetivas e na participação em diversas atividades e brincadeiras, que o ajudam na comunicação com a comunidade escolar para o seu maior desempenho.

O estagiário é um facilitador da aprendizagem por provocar dúvidas, desafios e motivar o aluno com o transtorno, ele se torna um mediador do processo de aprendizagem e ajuda a estabelecer relações socio afetivas quando o auxilia na aquisição da linguagem e cria uma rotina, transforma o ambiente em um espaço de respeito, cidadania, aprendizagem e desenvolvimento do aluno.

Portanto, percebe-se que com a mediação do estagiário ocorrem bons resultados na inclusão dos autistas e criar processos de intervenção pedagógicas que possibilita a interação, que podem oferecer situações significativas que potencializem a conquista de habilidades cognitivas e sociais e acrescenta autonomia a criança no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, G. F.; ARAUJO, D. A. C. **Inclusão escolar e educação especial: interfaces necessárias para a formação docente.** Rio de Janeiro. 2011.p. 135-136. Disponível em: <http://www.scielo.br>

_____, Presidência da República. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012.** Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3º do art. 98 da Lei no 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: Acesso em: 08 de fev. 2017 às 9h30min.

GLAT, Rosana; PLETSCHE, Marcia Denise. **Inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais.** Rio de Janeiro: Ed: UERJ, 2011. 162p. (Pesquisa em Educação).

MANUAL PARA AS ESCOLAS. **Autismo & Realidade.** 2011. Disponível no site: <http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/cao_civel/Manual_para_as_Escolas.pdf>. Acesso em 22 de agosto de 2019.

ORRÚ, Sílvia Ester. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: Wak, 2012. p. 1-18.

_____. **Contribuições da abordagem histórico-cultural na educação dos alunos autistas.** Humanidades Médicas. Sep-Dic 2010; v. 10, número 3.

RIVIÉRE, A. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento.** In: **Desenvolvimento psicológico e educação.** (Org). César Coll et al. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 234-254.

SCALABRIN, I. C; MOLINARI, A. M. C. **A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas.** Araras-SP, 2013.

SILVA, Micheline; MULICK, James A. **Diagnosticando o transtorno autista: aspectos fundamentais e considerações práticas.** Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 29, n. 1, p. 116-131, 2009.